

FORJANDO O VIÁVEL POSSÍVEL: PRÁTICAS DE INTERVENÇÃO



LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Reunião de finalização da proposta	6
Figura 2 - Momento de sensibilização	8
Figura 3 - Momento de sensibilização	8
Figura 4 - Participantes do Seminário	9
Figura 5 - Apresentação de abertura do Seminário - Kiusan Oliveira	9
Figura 6 - Apresentação de abertura do Seminário - Kiusan Oliveira	9
Figura 7 - Cursista Jaiara Dias	12
Figura 8 - Oficina com o professor Adriano Jardim	13
Figura 9 - Oficina com a professora Kiusam Oliveira	14
Figura 10 - Oficina com a professora Kiusam Oliveira	14
Figura 11 - Visita a casa do Pai Sandro D'Jagun	16
Figura 12 - Visita a casa do Pai Sandro D'Jagun	16
Figura 13 - Conversa com o Pai Sandro	17
Figura 14 - Pai Sandro D'Jagun e o congá	19
Figura 15 - Apresentação de trabalhos no Seminário de Socialização de Práticas .	21
Figura 16 - Apresentação de trabalhos no Seminário de Socialização de Práticas .	21
Figura 17 - Apresentação de trabalhos no Seminário de Socialização de Práticas .	22
Figura 18 - Apresentação de trabalhos no Seminário de Socialização de Práticas .	22
Figura 19 - Professor Dr. Gustavo Forde, no Encerramento do Curso	23
Figura 20 - Aula de matemática EMEF Manoel Mello Sobrinho - 9ºano.	26
Figura 21 - Aula de matemática EMEF Manoel Mello Sobrinho- 9ºano.	27
Figura 22 - Jogando com o estudante o jogo Tsoro Yematuto (um jogo africano)...	27
Figura 23 - Contação de História	28
Figura 24 - Contação de História	28
Figura 25 - Formação na EMEF Maria Paiva	29
Figura 26 - Formação na EMEF Maria Paiva	29
Figura 27 - Dia da consciência negra (alunos do projeto)	30
Figura 28 - Acervo de livros da biblioteca da escola.	31
Figura 29 - Roda de conversa na EMEF Talma Sarmiento de Miranda	32
Figura 30 - Roda de Conversa com a apresentação da Bibliotecária Elaine e do Professor Jeová	36
Figura 31 - Roda de Conversa com a apresentação da Bibliotecária Elaine e do Professor Jeová	36

Figura 32 - Aplicativo Enfrentando o Racismo	47
Figura 33 - Aplicativo Enfrentando o Racismo	48
Figura 34 - Vídeo sobre Candomblé	48
Figura 35 - Livro O Movimento Negro Educador	49

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quadro de inscritos no curso.....	7
Gráfico 2 - Quem já sofreu racismo?	34
Gráfico 3 - Frequência com que é tratado o tema	46
Gráfico 4 - Você gostaria que esse tema fosse debatido em sala?	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - A formação foi organizada para acontecer em 3 módulos.....	10
---	----

SUMÁRIO

1. OS PRODUTOS EDUCACIONAIS - FORJANDO O VIÁVEL POSSÍVEL: PRÁTICAS DE INTERVENÇÃO.....	5
1.1 SEMINÁRIO DE ABERTURA DO CURSO DE FORMAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	8
1.2 DESDOBRAMENTOS DAS FORMAÇÕES NAS ESCOLAS DE CARIACICA... 25	
1.2.1 ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL MARIA PAIVA:	27
1.2.2 ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL TALMA SARMENTO DE MIRANDA.....	30
1.3 O USO DA TECNOLOGIA PARA O ENFRETEAMENTO DO RACISMO: O SITE	45
2. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE A.....	56
APÊNDICE B.....	57

1. OS PRODUTOS EDUCACIONAIS - FORJANDO O VIÁVEL POSSÍVEL: PRÁTICAS DE INTERVENÇÃO

Por isso é que, em todo hoje que ele intensamente vivia, havia sempre um sonho possível, um viável histórico, a começar a ser forjado no hoje mesmo (FREIRE, 2011, p. 31).

No percurso da pesquisa encontramos vários documentos de registro de formações no município voltadas para a temática da educação para as relações étnico-raciais, formações propostas anualmente, porém, sem os desdobramentos nas escolas ou sem equipe para acompanhar como estavam de fato repercutindo no cotidiano com os estudantes.

Nos documentos acerca das leis efetivas no município que tratam da temática, encontramos muitos artigos que garantem que há um embasamento para eliminar o racismo. No município há o Conselho do Negro, a Gerencia de Direitos Humanos e a Gerência de Igualdade Racial, dentre outros órgãos que cuidam dessa temática. Porém, também foi constatado a ausência de um documento norteador municipal, dificultando o acompanhamento da aplicação da Lei nº 10639/2003 nas escolas.

Diante da necessidade de se preparar o professor para contribuir com a divulgação de ações afirmativas de enfrentamento ao racismo, é pensado uma formação para atender essa necessidade do professor e apresentar orientação quanto a organização de um currículo que contempla as questões de educação para as relações étnico-raciais como está prescrito na Lei nº10639/2003. Sendo assim foi elaborado uma proposta para formação de professores.

Essa formação proposta para o primeiro semestre de 2019, foi planejada desde dezembro de 2018 junto a Professora Dra. Cleyde Rodrigues Amorim e sua orientanda Yamilia Siqueira da turma II do Mestrado Profissional. Seria uma proposta inicial para os professores da rede municipal das séries finais do ensino fundamental incluindo nesse grupo os discentes de licenciatura em Ciências Sociais, participante da formação de professores no do Programa Residência Pedagógica (MEC/CAPES/UFES). Após a reunião de finalização da proposta (imagem abaixo), ela foi apresentada à Coordenadora do (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) a Professora Dra. Patrícia Gomes Rufino Andrade.

Figura 1 - Reunião de finalização da proposta



Fonte: Acervo próprio

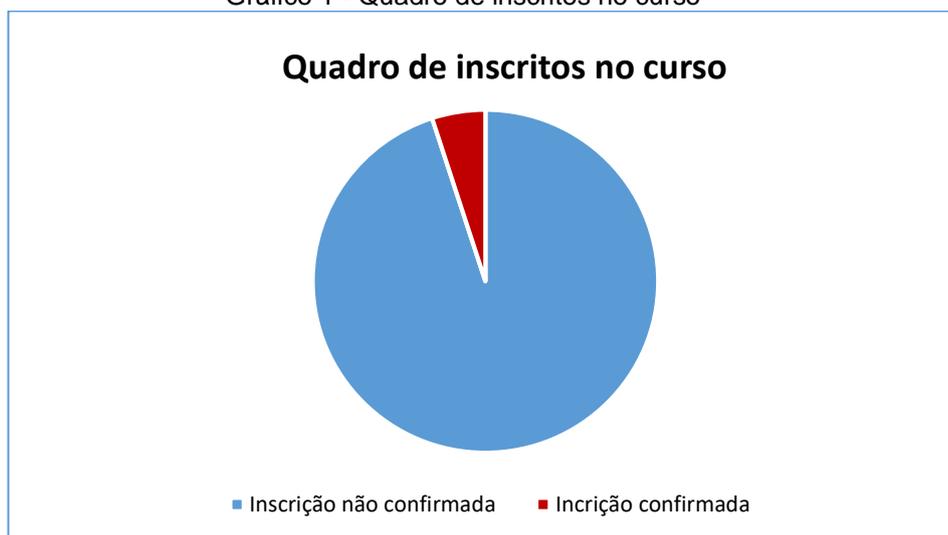
Após reunião entre as professoras coordenadoras, uma proposta então ampliada foi sugerida por elas. Como já havia uma demanda de formação pensada para um público maior, o planejamento foi ajustado, o calendário foi organizado, e foram contemplados para a formação, os professores das redes municipais, técnicos das secretarias, licenciandos do curso de Ciências Sociais, no Programa de Residência Pedagógica e também os profissionais do Ministério Público do Espírito Santo (MPES), solicitação da Procuradora de Justiça do MPES, Dra. Catarina Cecin Gazele. A ação envolveu também a mestranda Marcia Belotti, orientanda da Professora Dra. Patrícia Andrade. Nós três (mestrandas) tivemos a incumbência de acompanhar as aulas, as atividades da plataforma e toda a logística para as aulas presenciais, oficinas e atividades de campo.

Para iniciarmos, foi publicado e divulgada pela internet a formação, com data marcada para o início e término do período de inscrição, utilizando a plataforma Google. Houve a preparação da Google Sala de Aula para as postagens das atividades, preparação dos Ofícios e cartas convites, Agendamento de espaços, contato com os professores convidados para os dias das formações presenciais, Oficinas, Aula de Campo e Seminários de Abertura do Curso e de Socialização de Práticas de Intervenção e também foi encaminhado a PROEX/UFES o projeto para a aprovação.

Após planejamento, foi organizado o plano de curso e convite aos professores e representantes do movimento negro para as aulas. Para adequar ao horário disponível dos docentes convidados foi necessário refazermos por muitas vezes o calendário do curso. Para iniciarmos foram elaboradas cartas convites, convites, e

preparação do aplicativo Google Sala de Aula. Também a abertura do processo junto a reitoria da UFES. Iniciou-se a divulgação e em seguida as inscrições. O curso foi organizado para ofertar de 30 vagas, uma organização para atender uma demanda sem financiamento. Ao encerrar o período de inscrições foram contabilizadas 610 inscrições para o curso, sendo de várias localizações do Estado. Conseguiríamos atender em torno de 5% dessas inscrições, 30 cursistas. Como podemos observar no gráfico:

Gráfico 1 - Quadro de inscritos no curso



Fonte: Dados da formação ERER.

Essa procura reforça a questão de que há carência de formação na área dos profissionais, e a busca dos mesmos em aperfeiçoamento. As inscrições realizadas foram de profissionais de diferentes áreas de atuação. As suas justificativas ao se inscreverem nos mostram isso.

Para a abertura do Curso de Formação e Pesquisa em Educação das Relações Étnico-Raciais, planejamos o evento juntamente com a Procuradora de Justiça Dra. Catarina Cecin Gazele, as professoras Dra. Patrícia Gomes Rufino Andrade, Dra. Cleyde Rodrigues Amorim que atuam como Coordenadoras do Curso e as mestrandas Yamília Siqueira, Ione Aparecida Duarte Santos Dias e Márcia Belotti.

1.1 SEMINÁRIO DE ABERTURA DO CURSO DE FORMAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Figura 2 - Momento de sensibilização



Fonte: acervo próprio

Figura 3 - Momento de sensibilização



Foto: Acervo próprio

Da direita para a esquerda Mestranda Yamília Siqueira, Mestranda Marcia Belotti, Professora Dra. Kiusan Oliveira, Professora Dra. Cleyde R. Amorim, Professora Dra. Patricia Rufino, Procuradora de Justiça Catarina Cecin, Mestranda Ione A. Duarte S. Dias, Promotora de Justiça Helaine Pereira e a Promotora de Justiça Cláudia Garcia.

Figura 4 - Participantes do Seminário



Foto: Acervo próprio

Figura 5 - Apresentação de abertura do Seminário - Kiusan Oliveira



Foto: Acervo próprio

Figura 6 - Apresentação de abertura do Seminário - Kiusan Oliveira



Foto: Acervo próprio

O seminário foi organizado com uma mesa de solenidade e outra de palestrante, além da apresentação cultural preparada pela professora Kiusam Oliveira. O evento foi realizado no auditório do Ministério Público Estadual. O momento foi marcado pela presença de mulheres negras em um espaço elitizado e frequentado por maioria de homens brancos.

O cronograma de ações previstas foi apresentado aos cursistas no dia da primeira aula que aconteceu na sala 32 no Centro de Educação (ICIV/UFES).

Tabela 1 - A formação foi organizada para acontecer em 3 módulos

Módulos	Atividades	Professor(a)	Data/Horário	Local
	Seminário de Abertura	Coordenação do Curso	15 de abril 14h às 18h	Auditório MP
	Coordenação do Curso			
	Aula1 – O Racismo no Mundo e no Brasil.	Ana Paula Rocha	23 de abril 18h às 22h	Sala 32 IC-IV Ufes
MÓDULO 1	Plataforma	Aula 1	30 de abril	
	Atividades da			
Contextualização da questão Racial – Conceitos e Histórico	Aula 2 – O Movimento Negro no Brasil e a Luta Antirracista.	Gilberto Campos	7 de maio 18h às 22h	Sala 32 IC-IV Ufes
	Oficina 1 – Religião de Matriz Africana	Adriano Jardim	8h às 12h 11 de maio (sábado)	Sala 32 IC-IV Ufes
	Plataforma	Aula 2	14 de maio	
	Atividades da			
	Orientação de Projeto	Mestrandas	18 de maio 8h às 12h	Sala 10 IC-IV Ufes

	Aula 1- Cultura, Estética, Literatura Afro-Brasileira	Kiusam Oliveira	21 de maio 18h às 22h	Sala 32 IC-IV Ufes
	Plataforma	Atividades aula 1	28 de maio	
	Aula 2 – Juventudes e Mulheres negras	Débora Araújo	04 de junho 18h às 22h	Sala 32 IC-IV Ufes
MÓDULO 2	Aula de Campo (Comunidade Tradicional de Matriz Africana)	Cleyde R. Amorim / Babalaorixá Sandro de Jagun	08 de junho (Sábado)	Ibasé Omo Jagun – Cariacica
Quem é o negro no Brasil	Plataforma	Atividade aula 2	11 de junho	
	Orientação de Projeto	Mestrandas	15 de junho 8h às 12h	Sala 10 IC-IV Ufes
	Aula 1 – Políticas Públicas Específicas para Negros (as) no Brasil	Hiléia Castro	18 de junho 18h às 22h	Sala 32 IC-IV
	Plataforma	Atividade aula 1	25 de junho	
MÓDULO 3	Oficina 2 – Cultura Afro-Brasileira	Kiusam de Oliveira	29 de junho (sábado) 8h às 12h	Sala 32 IC-IV Ufes
Lei 10.639/2003	Aula 2 - A Política de Cotas Raciais no Brasil	Andrea Mongin	02 de julho 18h às 22h	Sala 32 IC-IV Ufes
	Ações pedagógicas	Mestrandas	Ao longo do curso	In loco
	Estudos e Produção de textos	Mestrandas	Ao longo do curso	

Seminário de Encerramento	Coordenação do Curso	09 de julho 14h às 18h	Auditório Do MPES
---------------------------	----------------------	------------------------	-------------------

As aulas presenciais e as duas oficinas aconteceram na UFES, com exposição dos professores convidados e mediados por nós mestrandas. As experiências dos participantes aos poucos foram sendo relatados, eles foram se soltando e compartilhando acontecimentos de suas vidas pessoais e também profissionais. Na aula da professora Debora Araújo presenciamos relatos de dor quando ela discutiu com o grupo o Filme “A MULATA QUE NUNCA CHEGOU”, uma cursista se colocou no lugar da “mulata” e relatou sobre a situação das cobranças e do medo de não atender as expectativas de um pai, de uma sociedade. Também, ainda durante a aula a cursista Jaiara Dias Soares fez a leitura de um de seus contos para a turma, a convite da professora.

Figura 7 - Cursista Jaiara Dias



Fonte: Acervo próprio

O SILÊNCIO DA CARNE

O silêncio da carne Sempre que podia, Maria cozinhava seu macarrão ao alho e óleo que tanto gostava, tomava o seu vinho tinto seco, tão desejado por ela nas adegas da vida, às vezes se dava a esse luxo. E sempre ouvia o seu disco preferido: “A mulher do fim do mundo” da diva eterna Elza Soares. Maria também se sentia a mulher do fim do mundo, trabalhou tanto pra criar seus dois filhos sozinha, passou por tantas dificuldades para mantê-los vivos e amados que ela tinha a sensação de que todo dia podia ser o fim do mundo. Ela vivia assim, sempre por um fio, mas um fio forte, fio de ouro. Porque ela sabia que sua mãe oxum a acalentava nos dias de lágrimas. Hoje, Maria quer sossego, sexta-feira à noite é dia de desestressar. Está feliz que não vai trabalhar no sábado, limpeza de escola cansa muito e não tem o devido reconhecimento do seu esforço, ela tem a sensação de ser invisível, às vezes. Ninguém a ouve, ninguém sequer a chama pelo nome no seu ambiente de trabalho. É sempre a “tia da limpeza”. Quem é que dá

importância ao nome de um serviçal, não é mesmo? Porém, Maria está nesse emprego há anos, só tem que agradecer à Oxalá. Seus filhos não estão em casa, cada um na casa de sua namorada, então ela fica tranquila. Agoniada fica quando eles resolvem passear nas ruas, nos bares. Nem consegue pregar os olhos com medo de acontecer algo de pior com eles. Sentada no sofá, Maria fica refletindo a vida. Com seus 50 anos, filhos criados, casinha construída com muito sangue, suor e mãos calejadas, tem a sensação de dever cumprido e um vazio no peito, uma certa morbidez na alma... “Quanto tempo fiquei só...”, “Quantos sapos tive que engolir pra botar comida dentro de casa? ”, “Aaah tive que aguentar muita humilhação do pai dos meus filhos pra manter uma família unida...”, “Mas graças aos meus orixás, nunca fraquejei, nunca desisti, sou uma mulher forte, uma mulher de 50 anos! ”. Maria passava horas divagando em seus pensamentos, entre uma dose e outra de vinho, buscando amparo para sua existência. Às vezes, desejava logo o fim do mundo, mas queria que esse fim fosse aos gritos, para ela expulsar todos os silêncios cravados em sua carne. Sonhadora como é, fantasiava o fim do mundo com suas denúncias desancorando de sua garganta, ela considerava a cena mais bonita já vista. O silêncio ancorado adoce o corpo, era preciso se curar e ela sabia disso. Sua cura era ficar sozinha em casa, ouvindo seus discos preferidos, colecionados com muito esforço. Suas doses de vinho tinto era o sangue que lhe dava um ar de vida (DIAS, 2018).

Foram realizadas duas oficinas, uma com o professor Adriano Jardim com o tema “Religião de Matriz Africana” e outra com a professora Kiusam Oliveira com o tema “Cultura Afro-brasileira”.

Figura 8 - Oficina com o professor Adriano Jardim



Fonte: Acervo próprio

Figura 9 - Oficina com a professora Kiusam Oliveira



Fonte: Acervo próprio

Figura 10 - Oficina com a professora Kiusam Oliveira



Fonte: Acervo próprio

No sentido de complementar os estudos e discussão do tema, foram propostas atividades diversificadas pelos professores, nas quais os participantes deveriam postar na plataforma suas respostas com a intenção de reforçar as aulas presenciais.

Para cada aula presencial, era proposto na plataforma Google Sala de Aula (aplicativo que permite criar um ambiente onde o professor possa compartilhar com os alunos materiais, bem como criar e receber tarefas e trocar) atividade não presencial. Alguns cursistas comentaram sobre como foi a experiência da realização das atividades.

[...] gostei muito das atividades e observei que fixou melhor meus conhecimentos, principalmente aquelas que solicitaram análise de artigos. (Cursistas do MPES). [...] então, em relação as atividades não presenciais eu acho que eu deixei muito a desejar, né eu acho que eu poderia ter lido mais, procurado ter feito mais (cursista professora de artes). Em relação as atividades não presenciais achei muito boas, bem ricas, oportunizaram a reflexão e acho para muita gente que não tinha proximidade com a temática foi uma oportunidade muito bacana de retornar, digerir repensar, organizar as ideias em forma de texto, então foi muito bacana, muito válido isso aí. [...]

em relação as atividades não presenciais, elas foram muito importantes para o curso, por que elas ajudam a complementar os conteúdos que foram abordados durante as aulas e nos permite refletir um pouco a responder as questões relacionadas a cada aula. (Cursista CEAfri/Viana). [...] Achei muito interessante as atividades presenciais, mas gostei mais das atividades que propuseram algo diferente do que a gente faz desde a escola até o ensino superior, que é ler texto e responder pergunta, acho que essas questões são muito... sei lá não me enche os olhos, mas algumas atividades achei muito interessante da professora que esqueci o nome dela, ela mandou entrevistar duas mulheres, e poderíamos acrescentar a questões do cabelo, acho muito interessante, esse tipo de atividades não que eu ache que as [questões] de responder um texto ou interpretar não sejam muito interessantes, mas isso a gente já faz muito, então tipo assim o curso ele ofereceu atividades não presenciais assim diferenciadas como essas acho que é muito importante (fala de um cursista do Residência Pedagógica)..

Esses relatos foram dos participantes do curso, de como as atividades não presenciais foram importantes nesse processo de avanços. Os participantes se envolveram e cresceram muito na realização das atividades postadas na plataforma do Google Sala de Aula, e nós fazíamos os comentários sobre o material postado. Alguns cursistas eram bem pontuais com a entrega, já outros dependiam da nossa cobrança.

Como aula de campo, o planejado foi proporcionar aos cursistas uma vivência mais próxima possível do contexto africano e afro-brasileiro. Sendo planejada uma visita a casa do Pai Sandro D'Jagun. Contratamos um transporte para sairmos da UFES as 8h da manhã e retornarmos após 12h do Terreiro de Pai Sandro D'Jagun, onde fizemos um café comunitário, iniciando a aula de campo no terreiro.

Segundo Amorim e Oliveira (2017)

Pai Sandro ou Sandro de Jagun são nomes religiosos com que Sandro Cabral Silva é conhecido na região onde vive e se relaciona. Babalorixá responsável por dirigir IBASÉ OMO JAGUN (Casa de Axé do filho de Jagun), localizado na Rua A, Lote 40, Loteamento Planeta II, Bairro Planeta, Cariacica-ES. Pertencente à nação Efon do Candoblé e descendente da raiz Efon Omin Oloroquê, (Efon Águas da Árvore), atua junto ao terreiro desde março de 1992, isto é, há vinte e três (23) anos. Atualmente o terreiro acolhe 80 filhos-de-santo iniciados, dentre os quais quatro (4) possuem terreiros próprios (AMORIM e OLIVEIRA, 2017, p.240).

Para esses dados, que nos apoiamos são dados resultado Programa de Extensão Africanidades: Identidades, Religiosidades e Patrimônio Cultural, coordenado por Cleyde R. Amorim e Osvaldo M. de Oliveira. Um documento elaborado com dados das casas e seus zeladores.

Figura 11 - Visita a casa do Pai Sandro D'Jagun



Fonte: Acervo próprio

Figura 12 - Visita a casa do Pai Sandro D'Jagun



Foto: Acervo próprio

Durante a aula de campo fomos recebidos por Pai Sandro D'Jagun e pelos seus filhos de santo. Foi preparado um café como recepção e também um Xirê¹. Foi apresentado

¹ **Xirê** é uma palavra Yorubá que significa roda, ou dança utilizada para evocação dos **Orixás** conforme cada nação.

a todos a casa e os espaços de Umbanda e de Candomblé. Após a apresentação nos sentamos em roda para ouvir o Pai Sandro.

Figura 13 - Conversa com o Pai Sandro



Foto: acervo próprio

Pai Sandro registra que o racismo está presente nas religiões, e que o problema hoje também é de cunho político. Alguns políticos não têm força política e nem interesse em reconhecer que os terreiros são espaços de contribuição social, muitos vizinhos se beneficiarem das ações desenvolvidas no terreiro. Pai Sandro também lembrou da trágica situação que vem acontecendo no Rio de Janeiro com os terreiros, e que poderá chegar até ao Espírito Santo, caso não sejam regularizados os espaços destinados a esses templos religiosos.

[...] hoje o político quer tirar fotos com os povos de matriz africana, mas eles não querem sentar e falar de políticas, não querem, não querem. Então quer dizer... não é fácil. As problemáticas que estão acontecendo lá no Rio de Janeiro, ainda não temos essa situação de peso aqui, mas pode chegar, pode chegar, né, pode chegar porque infelizmente ai é que tá. Como que nós vamos estar resguardados se nós não temos um documento que fala da nossa existência e de que aqui, é uma casa religiosa? Para o meu IPTU isso aqui é uma residência comum. E as pessoas até entendem que uma casa espírita geralmente o pai de santo ou uma mãe de santo mora lá. Para mim ou os meus filhos estão aqui é a casa do Orixá, então a gente vai registrar a casa do Orixá. Isto daqui por exemplo no dia que eu falecer não é da minha família sanguínea é da minha família espiritual, um vai sentar na cadeira e dará continuidade. Mas a família vai querer o bem, eu já vi família querendo o bem, já. Mas é ai é que tá, quando você tem o documento que é registrado, e tem um estatuto que fala tudo isso essa família vai bater o pé e querer o quê, então a gente precisa realmente é correr contra o tempo, eu só tenho um ano e pouco, um ano e pouco[...]. (Pai Sandro D'Jagun, 2019).

Esse momento de roda de conversa foi de extrema importância, a conversa provocou nos cursistas bastante inquietação, eles não haviam feito reflexão acerca do problema que afetava a religião de matriz africana. Ali em roda ouvimos Pai Sandro falar das ações desenvolvidas no espaço, da partilha de alimentos entre os vizinhos, e da boa relação entre eles.

Flávia (MPES) fala da sua experiência na aula de campo, de como aprendeu com essa experiência e diz

Excepcional. Não tenho palavras para expressar tamanha gratidão por compartilhar de uma experiência tão profunda e diferente em relação a minha realidade de vida e fé que professo. Acima de tudo o que imperou no dia da realização dessa aula de campo foi o respeito a todos, sem distinção de raça, credo ou segmento religioso. Como curiosa que sou, fui uma das pessoas (senão a primeira) que mais fez perguntas sobre toda a visita, os espaços e os rituais praticados na Casa. Não por mera curiosidade apenas, mas pela afeição do conhecimento em relação à matéria.

O professor Josimar fala que na aula de campo foi uma oportunidade única

Acho que foi um momento muito importante para nosso curso, eu pessoalmente fiquei muito satisfeito de ir a um templo de Candomblé e Umbanda, ter conhecimento acerca dessas religiões de matrizes africanas e principalmente com a perspectiva de desconstrução de um modo estereotipado com o qual muitas vezes a gente acaba sendo educado a pensar essas religiões.

As informações ali na roda nos auxiliaram nas questões que foram levantadas na oficina com o professor Adriano Jardim, (Oficina 1 – Religião de Matriz Africana), muitos mitos foram derrubados, inclusive sobre a história das religiões de matrizes africanas. Na roda de conversa muitos saberes foram ali compartilhados.

Figura 14 - Pai Sandro D'Jagun e o congá



Fonte: acervo próprio

Brandão (1999) nos fala da ação reflexão presentes no processo da pesquisa participante

Conseqüentemente, uma das principais responsabilidades dos pesquisadores (intelectuais orgânicos) é articular o conhecimento concreto com o conhecimento geral, o regional com o nacional, a formação social com o modo de produção, e vice-versa, observar no campo as aplicações concretas dos princípios, diretrizes e tarefas. A fim de garantir a eficiência dessa articulação, tem-se adotado um ritmo específico no tempo e no espaço, que vai da ação a reflexão, e da reflexão a ação, a um novo nível de prática (BRANDÃO, 1999, p.55).

Nesse momento ao qual estivemos na casa do Pai Sandro D'Jagun, aconteceu a observação de um ponto de convergência com as aulas do curso, acerca do racismo religioso, das situações vivenciadas nos espaços das instituições escolares. Acontece um a reflexão acerca da teoria e da prática passada na roda de conversa.

Como ação do curso, a cada aula presencial era proposta uma atividade não presencial, foram propostas atividades diversificadas pelos professores onde os participantes deveriam postar na plataforma suas respostas com intenção de reforçar as aulas presenciais.

Durante o curso foram marcados alguns encontros para orientação da escrita do projeto a ser desenvolvido nas instituições onde os cursistas atuam. Cada um deveria escrever até três páginas do projeto, com Introdução, objetivos, desenvolvimento,

conclusões e quais as contribuições do curso, essa escrita seria após a aplicação de um questionário disponibilizado na Plataforma Google Forms (é um serviço gratuito para criar formulários online). Para alguns que já estavam nas secretarias atuando com a temática foi menos complicado a escrita, outros precisavam de horário de Planejamento na escola para organizar a roda de conversa. Os participantes do Ministério Público realizaram a pesquisa dentro da instituição e escreveram um único trabalho, e os alunos da residência pedagógica desenvolveram o projeto na escola que estavam atuando.

Os projetos estavam em andamento durante a organização das apresentações do seminário, e nos municípios de Vila Velha, Serra e Viana, já acontecia um projeto abordando a temática. Mas para os cursistas desses municípios que estavam nas escolas as ações de intervenção foram iniciadas ainda no percurso do curso. Vou me ater aqui aos relatos das práticas do município de Cariacica. Considerando a localização da pesquisa.

O professor Welington propôs uma ação com os professores na EMEF Talma Sarmiento de Miranda, antes da ação com os estudantes. Considerando que para realizar esse trabalho interdisciplinar com os estudantes o professor precisa de informações, então propôs as rodas de conversa nos dias de planejamento. Marcando três momentos de formação, ele deu início no dia 12 de julho, com o segundo previsto para o dia 22 de julho e o terceiro para o dia 29 de julho.

A professora Maria Cláudia propôs uma ação na EMEF Maria Paiva. Ela também propôs uma ação de formação com os professores antes de abordar o tema com os estudantes. Foi aplicado o questionário online e ela pode analisar que os professores da escola não se sentem preparados para abordagem do tema das relações raciais na escola. Ela organizou uma roda de conversa com os professores para análise das respostas e uma roda de conversa sobre a temática.

O seminário de encerramento e socialização das práticas de intervenção foi proposto para acontecer também no auditório MPES como o seminário de lançamento do curso. Organizamos as composições das mesas e as falas para a abertura, foram encaminhadas as cartas convites, e os trabalhos a serem apresentados.

As orientações dos trabalhos e das apresentações foram realizadas por nós mestradas após orientação das coordenadoras, alguns cursistas acharam que teria

atendido melhor caso as orientações estivessem acontecendo desde o início do curso. Como aponta a Flávia (MPES)

Sugiro que numa próxima edição desse, as aulas de orientação do projeto sejam realizadas logo no início das atividades do curso, e regularmente em toda a sua extensão, o que facilitaria muitíssimo o processo de elaboração da pesquisa e projeto de intervenção final.

Para a socialização de práticas, foram selecionados para apresentação em comunicação oral um trabalho por rede municipal, um para o Ministério Público e um para residência pedagógica totalizando 8 trabalhos. A comunicação em pôster foi feita por cada cursista e um pôster do MPES.

Figura 15 - Apresentação de trabalhos no Seminário de Socialização de Práticas



Fonte: Acervo próprio

Figura 16 - Apresentação de trabalhos no Seminário de Socialização de Práticas



Fonte: Acervo próprio

Figura 17 - Apresentação de trabalhos no Seminário de Socialização de Práticas



Fonte: Acervo próprio

Figura 18 - Apresentação de trabalhos no Seminário de Socialização de Práticas



Fonte: Acervo próprio

Todos contribuíram com suas falas que foram preparadas de acordo com o projeto de intervenção preparado por eles. Consideramos que após a formação o que cada um trouxesse seria de grande contribuição.

Santos, (2007) corrobora com a ideia de que não há um único saber, uma única cultura que todos têm a contribuir com o seu saber

[...] a possibilidade de que a ciência entre não como monocultura, mas como parte de uma ecologia mais ampla de saberes, em que o saber científico possa dialogar com o saber laico, com o saber popular, com o saber dos indígenas, com o saber das populações urbanas marginais, com o saber camponês (SANTOS, 2007, p.32-33).

Foi assim que a riqueza dessa prática despontou, as falas dos cursistas surpreenderam a todos ali presentes. Foi possível ouvir de uma aluna da residência pedagógica sua prática de empoderamento dos estudantes da escola onde ela desenvolveu o projeto de intervenção.

Foi muito mencionado nas apresentações a respeito do racismo, da necessidade de enfrenta-lo. Inclusive foi mencionado na fala do professor Dr. Gustavo Henrique Araújo Forde sobre a impossibilidade de um país ser democrático e prevalecer no racismo. Uma verdadeira discrepância. Também foi mencionado sobre o racismo dentro das escolas.

Figura 19 - Professor Dr. Gustavo Forde, no Encerramento do Curso



Fonte: Acervo próprio

A maior parte das crianças negras vive sem condições básicas para sobreviver em sua casa e diante de todas as desigualdades a que são submetidos diariamente, para muitos pais, a escola se torna o lugar onde eles depositam esperança de um futuro melhor para seus filhos. Esse espaço tão desejado por eles é muitas vezes o lugar de dor para seus filhos, o lugar de humilhação. A escola é o lugar desejado, e ao mesmo tempo o lugar dispensado. Como repensar esse lugar? Como eliminar as barreiras atitudinais? Como mudar os pensamentos? Como descolonizar esses pensamentos dentro da escola? São algumas das questões que surgem dessa demanda.

O espaço escolar é para esse (a) estudante o espaço com regras, organização, procedimentos que inculcam cada vez mais a questão da regulação. Esse espaço que seria o espaço emancipador, muitas vezes se torna para ele (a) o espaço regulador. Gomes (2017) assim nos fala que

No Brasil, a escola, principalmente a pública, é o resultado, de uma luta popular pelo direito a educação e entendida como parte do processo de emancipação social. No entanto, essa mesma escola se construiu historicamente enquanto uma instituição reguladora marcada pelas regras, normas e rituais, pela divisão dos conteúdos, pelo cognitivismo, pela ideia do conhecimento científico como única e privilegiada forma de saber, pela ordem e pelo disciplinamento dos corpos (GOMES, 2017, p. 134).

Ao desconsiderar o que esses (as) estudantes trazem quando chegam nas escolas, suas histórias de vida, seu contexto, sua cultura e religião, a escola simplesmente tenta silenciar os (as), simplesmente impondo sua ordem. Partindo da proposta inicial que a escola deveria preconizar, chegamos ao lugar de determinismo, de finalização, de interromper a vida escolar, e determinar que esse espaço realmente não é para todos.

A escola hoje é desafiada a repensar seu espaço, seu currículo, suas práticas. Como tratar de situações de diversidade em um espaço onde as diferenças não são aceitas?

A escola de hoje exclui tanto quanto no passado quando a entrada era somente para os brancos. Hoje, mesmo depois de 130 anos da abolição, com muitas leis e diretrizes que tratam especificamente da inclusão de todos os estudantes, a escola que temos não se difere muito das do passado.

Ousar mudar será a proposição, a escola precisa avançar. A quanto mal foi submetido (a) o (a) estudante negro (a) em nossa escola e como isso ainda tem acontecido. Se essa escola de hoje ainda é espaço de exclusão, como transformar esse espaço em lugar de valorização das diferenças, onde os (as) estudantes sintam-se acolhidos, suas diferenças são potencialidades e não marcas para a exclusão? Preparar os professores para que na coletividade de professor e estudante sejam elaboradas as ações que possibilitem ao estudante conhecer sua história, para juntos enfrentarem o racismo, que tem sido uma grande barreira para a permanência dos estudantes nas escolas. É preciso preparar esses professores para que em suas ações sejam propostas mediações que intervenham e transformem o cotidiano dos estudantes que sofrem com o racismo.

Ainda que como diz Freire (2011) “haverá aqueles e aquelas que, percebendo-se possuídos pela velha ideologia, a assumem conscientemente, passando a solapar, manhosa ou ostensivamente, a nova prática. ” Haverá sempre a oportunidade de fazer diferente ou não, e a opção de permanecer nas velhas práticas continua sendo uma alternativa persistente.

Ao questionar os cursistas sobre o que produziu as experiências vivenciadas durante o curso, suas falas foram muito positivas, demonstrando que a formação os ajudou a perceber como tem trabalho a ser feito, e que o enfrentamento ao racismo é prática cotidiana.

Flavia (MPES) fala do que foi essa experiência de participar dessa formação

Sobre a experiência de ter participado desse curso, reafirmo, foi extremamente oportuno para resignificar não somente alguns conhecimentos pessoais, mas também o meu fazer profissional. Expresso aqui a minha mais verdadeira gratidão a você Ione, à Márcia e à Yamília, além das Professoras Patrícia e Cleyde, por me proporcionarem essa experiência tão enriquecedora! Esse curso foi o pontapé inicial para a construção de cenários mais promissores referentes à pauta da Igualdade Racial. As redes foram lançadas ao mar, não dá mais pra voltar, precisamos seguir avançando cotidianamente! Temos muito trabalho pela frente, isolados é sempre mais difícil, porém juntos somos muito mais fortes! Bora avançar! (Flávia).

Assim consideramos importante uma política de formação continuada, que garanta ao professor e também a outros profissionais a quem cabe fazer cumprir a Lei, discutir as questões do seu cotidiano, onde a diversidade ali existente seja respeitada não por imposição legal, mas por respeito, por conhecimento. O conhecimento liberta, nesse sentido é importante nos desprendermos de preconceito de indiferença e nos aprofundarmos nos estudos buscando combater as desigualdades e o racismo dentro de todas as instituições e principalmente nas escolas onde os relatos de racismo são mais presentes.

1.2 DESDOBRAMENTOS DAS FORMAÇÕES NAS ESCOLAS DE CARIACICA

Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens os transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; O diálogo é, pois, uma necessidade existencial. E já que o diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar, este diálogo não pode reduzir-se a depositar ideias em outros (FREIRE, 2001, p.96).

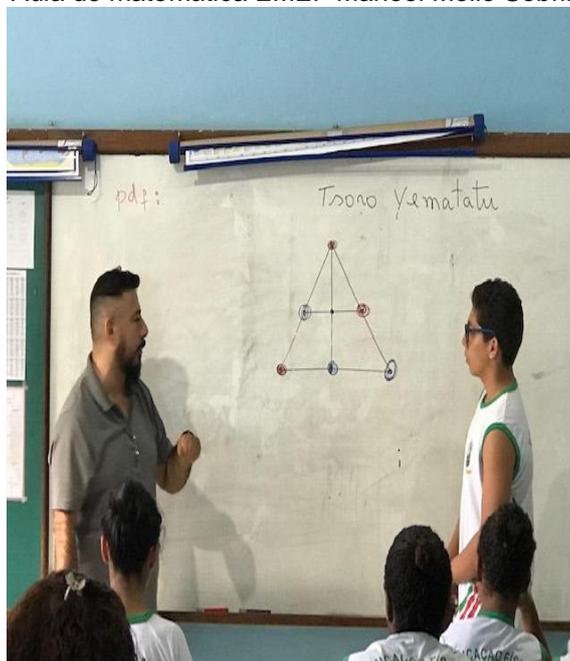
Como atividade do curso, os participantes deveriam propor em suas instituições de trabalho as intervenções, sendo práticas que envolvem a temática tratada. Os participantes teriam orientação para elaboração dos projetos, que depois seriam aplicados.

No sentido de situar os acontecimentos no município de Cariacica, acompanhamos as intervenções em duas escolas, onde os professores atuam diariamente. Estivemos

em três escolas desde o ano passado, nas quais dialogamos acerca das relações raciais. A professora Cláudia atua em duas escolas da rede, a EMEF Manoel Mello Sobrinho e EMEF Maria Paiva, as quais visitávamos para o presente trabalho. O professor Welington atua na escola EMEF Talma Sarmento de Miranda, foram apenas três escolas que estiveram representadas no curso de ERER, que ofereceu sete (7) vagas para o município de Cariacica. Dessas sete (7) pessoas selecionadas quatro (4) estavam lotadas na Secretaria de Educação e não concluíram a formação.

Na EMEF Manoel Mello Sobrinho, acompanhamos os trabalhos do professor Rinaldo da disciplina de Matemática, sendo esse Professor Doutor na área das Relações Étnico-Raciais, e suas práticas de sala de aula são contextualizadas ao que preconiza a Lei nº10639/2003. Em alguns momentos fui convidada para assistir e participar de suas aulas. Esse professor elabora suas aulas de matemática sem deixar de incluir práticas que favorecem a cultura africana e o enfrentamento ao racismo.

Figura 20 - Aula de matemática EMEF Manoel Mello Sobrinho - 9ºano.



Fonte: Acervo próprio

Figura 21 - Aula de matemática EMEF Manoel Mello Sobrinho- 9ºano.



Fonte: Arquivo próprio

Figura 22 - Jogando com o estudante o jogo Tsoro Yematuto (um jogo africano)



Fonte: Arquivo próprio

Essas práticas proporcionaram a observação e participação juntamente com os estudantes e o professor Rinaldo.

Mesmo com as intervenções iniciadas nessa escola a professora Maria Cláudia que atua em duas escolas da rede municipal, sendo EMEF Manoel Mello Sobrinho e EMEF Maria Paiva, ela definiu que a intervenção seria na segunda escola.

1.2.1 ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL MARIA PAIVA:

A EMEF Maria Paiva é uma escola que atende estudantes do ensino fundamental de 1º ao 5º ano. O projeto de intervenção foi desenvolvido juntamente com a professora

Maria Cláudia, no turno vespertino. Desde o ano passado temos acompanhado essa escola, já estivemos para contar histórias em um projeto de diversidade na escola para três turmas no turno vespertino².

Figura 23 - Contação de História



Fonte: Acervo próprio

Figura 24 - Contação de História



Fonte: Acervo próprio

A proposta de intervenção da professora Cláudia foi ampliada para toda a escola no turno vespertino, no total de 10 docentes, com discussões acerca da Consciência Negra como parte integrante da formação e dos conteúdos curriculares a serem ministrados nas turmas e disciplinas diversas.

A escola em questão possui um total de sete turmas de 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental, no turno vespertino, contando com sete professores e professoras regentes (Licenciados em Pedagogia), além dos professores e professoras de área, como Educação Física, Ensino Religioso e Língua Inglesa.

A proposta se constituiu mediante a percepção de que, em geral, os assuntos relacionados à Consciência Negra e a temática da cultura afro-brasileira, são

² O uso das imagens dos estudantes da escola foi autorizado pelos responsáveis.

limitados a semana ou aos dias próximos a data de 20 de novembro, restringindo o debate apenas a uma comemoração específica e não como um movimento de transformação acerca do respeito e valorização da diversidade e da pessoa negra na sociedade.

Dessa forma, a partir de um questionário inicial (online), que foram aplicado aos professores e professoras onde foram interpelados acerca dos conceitos e conhecimentos que possuem sobre a temática, para a partir desse diagnóstico, constituir um projeto pedagógico comum que atravesse saberes diversos e debata o tema de forma respeitosa e consciente. A intervenção na escola aconteceu via roda de conversa e apresentação de material para discussão da Lei nº10639/2003.

Após a roda de conversa iniciamos uma oficina com contação de história sobre a boneca Abayomi, e uma oficina de confecção da boneca pelos participantes.

Figura 25 - Formação na EMEF Maria Paiva



Fonte: Acervo próprio

Figura 26 - Formação na EMEF Maria Paiva



Fonte: Acervo próprio

1.2.2 ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL TALMA SARMENTO DE MIRANDA

Essa escola também acompanhamos desde o ano passado. Nessa escola havia um projeto financiado pelo Ministério Público, no qual o professor Jeová era o responsável.

Figura 27 - Dia da consciência negra (alunos do projeto)



Fonte: Acervo da escola

A segunda escola é uma EMEF Talma Sarmento de Miranda, uma escola tradicional na rede, que atende estudantes de 1º ao 9º ano. O professor Welington ministra a disciplina de história na escola, onde tem uma proposta de trabalho com os povos indígenas e trabalha com a Lei nº 11645/2008 com os estudantes. Já a educação para as relações étnico-raciais ele afirmou abordar na proposta de seu conteúdo nas aulas.

Esse professor iniciou o trabalho aplicando questionários (questionário diagnóstico) para os estudantes e para os profissionais da escola. Os estudantes que responderam à pesquisa foram os estudantes que possuem cadastro na biblioteca. Ele apresentou o questionário e a bibliotecária auxiliou na aplicação. O professor pensou na proposta de comparar as informações.

O planejamento da intervenção contava com três encontros na escola. O primeiro encontro foi proposto um momento de problematização, quando define que um filme seria passado, o filme escolhido para passar para os professores foi o filme “Vista a Minha Pele” com direção de Joel Zito Araújo, de 2003, com duração de 24 minutos, se passa no Brasil, o filme coloca a realidade dos negros em evidência ao propor uma inversão: narra a história de brancos e negros, em papéis trocados. Nesse contexto, ele retrata a trajetória de uma aluna branca que tenta se adaptar nesse universo, uma

roda de conversa após a exibição do filme, com uma proposta de análise das Leis 10639/2003 e 11645/2008, os seus desdobramentos na educação básica e também os resultados dos questionários diagnósticos.

A 1ª roda de conversa na EMEF Talma Sarmiento de Miranda

Na roda de conversas estavam presentes a Vice diretora, o coordenador, professores (as) das salas regulares e professora da sala de recursos multifuncionais (AEE) e a bibliotecária da escola. A bibliotecária Elaine se envolveu no projeto juntamente com o professor Welington, ela auxiliou na realização da pesquisa com os estudantes cadastrados na biblioteca e também apresentou um acervo de livros que estão à disposição dos profissionais da escola.

A sala para a roda de conversa foi preparada e a bibliotecária Elaine organizou o espaço para exposição dos livros que tratam da temática que foi abordada na formação. Esse acervo com títulos que podem ser utilizados para os estudos dos conteúdos de história e cultura da África e afro-brasileira e da cultura e história dos povos indígenas, contemplando as temáticas da Lei nº 10639/2003 e da Lei nº 11645/2008.

Figura 28 - Acervo de livros da biblioteca da escola.



Fonte: Acervo próprio

Após o filme o debate foi iniciado, e uma professora falou do seu desconforto em ver exatamente a situação como acontece com os negros no país. Por ser um país de maioria de negros, e o destaque na cultura, as profissões, os profissionais são sempre

os brancos, prevalecendo uma cultura eurocêntrica. Para ela “[...]choca quando a gente vê o contrário, eu me senti mal, é algo tão fixado na nossa mente que parece normal.”

A desumanização dos opressores, muitas vezes passa despercebida, as pessoas permanecem sem notar quanto sofrimento tem sido gerado com a opressão. Freire (1987) nos fala que

A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação - a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a luta contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de cria-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos- libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, roeste poder a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ente a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa. Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A “ordem” social injusta é a fonte geradora, permanente, desta “generosidade” que se nutre da morte, do desalento e da miséria (FREIRE, 1987, p.16-17).

Muitos (as) professores (as) desconheciam o vídeo e ficaram chocados com as imagens, [...]nunca haviam olhado por esse lado (comentário de um professor). Houve também um comentário acerca da falta de trabalho voltado para os professores em Cariacica, e que a secretaria de educação deveria formar e cobrar os resultados. Sentem falta do trabalho e do acompanhamento.

Figura 29 - Roda de conversa na EMEF Talma Sarmento de Miranda



Fonte: Acervo próprio.

A professora Ana Maria (português) disse que desenvolveu um projeto e comenta sobre a dificuldade de trabalhar certos temas, ela trabalhou a cultura de Cariacica utilizando a Lenda do Pássaro de Fogo e faz um relato referente aos resultados da pesquisa realizada na escola e sobre a ação da formação, e diz

Na verdade, quando a gente vê os dados, quando coloca lá o que precisa a escola, a escola precisa de uma linguagem única, seja ela pedagógica, seja ela no projeto pedagógico, então assim de que forma isso será abraçado no projeto político pedagógico da escola, isso vai ser veemente. Então assim é um momento que a escola precisa sentar como a gente está fazendo aqui agora e começar a perceber que...como que a gente gostaria de ter ampliado esse trabalho numa perspectiva, mais disciplinar. E a gente conseguiu com alguns, com a ajuda da Elaine (bibliotecária) né, com a professora Vera, e outros colegas que ajudaram demais nesse movimento. Mas assim não é fácil, nós ficamos muitos sozinhos nesse universo de construir a identidade da escola, quem somos e o que queremos, para onde queremos chegar. Então assim, tudo que vem é muito bacana. Então assim, esse momento aqui na escola é muito grandioso esse momento, está sendo muito grandioso. (Ana Maria Roriz, professora de português).

Acerca da interdisciplinaridade a professora de ciências tece um comentário das possibilidades de trabalhar a questão da valorização do negro a partir da ciência que foi usada para diminuir o negro ao manipular a ciências para resultados que manteriam o negro como raça inferior,

[...] é muito curiosa e interessante quando você fala a questão de a gente aqui questionar indagar, trazer para a discussão quando os nossos próprios livros né, como que as vezes uma determinada disciplina está ali dentro do conteúdo com um texto complementar de alguma coisa dentro da área de ciências e você não vê por exemplo alguma coisa mesmo que esteja relacionado. Igual a questão da melanina, a questão por exemplo do cabelo, por que o cabelo liso, por que o cabelo crespo, na verdade// só que isso não traz dentro dos livros (Professora de ciências).

Ainda sobre a abordagem da professora de ciências podemos pontuar que houve uma tentativa de apagamento da história do povo negro das ciências, de cultura e da crença. Nesse momento encontramos um ponto forte no diálogo, pois percebemos que os professores estavam apresentando suas dúvidas e receios diante da temática. E com isso houve um momento de trocas importante, reconhecendo que houve um apagamento da história e que nós temos, enquanto professores, a função de trazer à memória essas histórias apagadas.

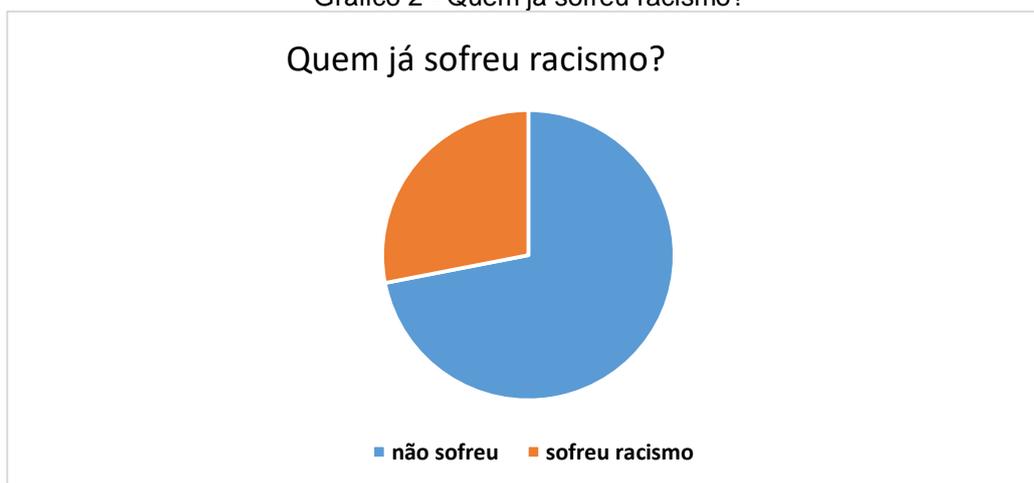
Freire (1987) nos diz que

O diálogo não é um produto histórico, é a própria historicização. É ele, pois, o movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se além de si mesma. Consciência do mundo, buscar-se a si mesma é comunicar-se com o outro. O isolamento não personaliza por que

não socializa. Intersubjetivando-se mais, densidade subjetiva ganha o sujeito (FREIRE, 1987, p.8).

Nesse sentido percebemos como é importante o diálogo, e como é fundamental um momento de formação proposto nesse modelo de roda de conversa. A importância de estudarmos juntos a temática, socializando fatos importantes para reflexão e proposição de ação para o enfrentamento da situação problema. Até mesmo porque, das questões respondidas pelos 87 estudantes 35 disseram ter sofrido com alguma forma de racismo.

Gráfico 2 - Quem já sofreu racismo?



Fonte: Dados do questionário online

Com base nos dados dessa questão, é possível perceber como é presente o racismo na vida desses estudantes, um número significativo afirmou tal situação. Essas informações para os professores serão de muito valor, pois eles entenderão que a demanda é muito urgente. O importante é que os estudantes estão reconhecendo tal violência e pedem ajuda para resolver.

Dialogando ainda sobre a situação de se reconhecer oprimido, de reconhecer como o racismo está presente na escola e a necessidade de combatê-lo, e a importância desse sujeito que sofre o racismo nos ajudar nesse processo de enfrentamento e assim corroboramos com Freire (1987) quando nos diz que

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de uma busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida (FREIRE, 1987, p.17).

Dessa forma foi apresentado a necessidade de se trabalhar em conjunto para auxiliar os estudantes e também os professores. O professor Jeová (professor de inglês) nos fala sobre a falta de entendimento dos estudantes referente ao racismo,

[...] eu vejo no ponto de vista que o adolescente, hoje tudo para ele é brincadeira, então ele não percebe, as vezes leva para o lado da brincadeira e ele não assume que ele foi ou teve um ato agressivo de racismo, até mesmo sem saber o que é racismo (Jeová, professor de inglês).

Mais uma vez os professores (as) concordaram que seria necessário trabalhar e informar aos estudantes quanto ao racismo. Situação apontada pela a maioria dos (as) professores(as) presentes. O professor Hélio (sociologia) diz que

[...] uma lei com quase 16 anos, 16 anos né, e ainda tem um amparo para ela. Eu vejo que as secretarias de educação, elas não abraçam isso. Tem que fazer uma crítica à secretaria de educação, por que não faz isso com a Lei nº10639/0203 eu trago agora esse ano o projeto Cariacica Mais, ela levou para as escolas, leva um sujeito para falar. Por que não faz isso com a Lei nº10639/0203, porque a secretaria não abraça isso, porque não há vontade também da secretaria de trabalhar isso, não há vontade política (Professor Hélio, disciplina de sociologia).

Essa análise fala da demanda das escolas não atendidas pela Secretaria de Educação, de pensar formação sem que antes consulte o professor qual a demanda de seus cotidianos.

A 2ª roda de conversa na EMEF Talma Sarmiento de Miranda

Foi organizado esse encontro para o dia 22 de julho, e proposto uma mesa de diálogo, com especialistas que abordaram algumas temáticas. Considerando que do primeiro encontro ficaram alguns encaminhamentos que se enquadrariam na proposta do planejamento, que seriam a discussão sobre racismo institucional, movimento negro, religiões de matriz africana essa temática foi abordada pelo professor Jeová (Inglês) e o movimento das mulheres negras no Espírito santo, pela Elaine (bibliotecária).

Figura 30 - Roda de Conversa com a apresentação da Bibliotecária Elaine e do Professor Jeová



Fonte: Acervo próprio

Figura 31 - Roda de Conversa com a apresentação da Bibliotecária Elaine e do Professor Jeová



Fonte: Acervo próprio.

Sendo essa data reservada para a formação na escola, no calendário escolar da rede, o momento foi organizado em dois tempos, o primeiro foi a mediação com os professores com a temática das relações étnico-raciais e o segundo momento seria os informes e uma abordagem sobre a Base Nacional Curricular Comum.

Foi organizado o espaço da biblioteca para a roda de conversas que iniciou as 7:30h com a presença de 28 professores e profissionais da escola. O professor Welington, o professor Jeová e a bibliotecária Elaine, que foi a primeira a falar. Ela inicia falando da sua experiência de se descobrir enquanto mulher negra depois de ser adulta, iniciou sua fala apresentando o contexto em que se deu esse processo.

Além de sua explanação, ela apresentou alguns referenciais teóricos que a ajudam nesse processo e apresentou alguns livros da biblioteca da escola. Falou da contribuição que a professora Ariane Meireles teve em sua vida, e que a auxiliou no processo de se descobrir.

A Ariane foi fundamental nesse processo, eu comecei a fazer a dança afro com ela em umas oficinas ofertadas pela FAFI, e foi com ela que eu comecei a entender que tinha alguma coisa errada quanto a essa questão da identidade porque até então não me assumia como mulher negra, para mim eu era a morena jambo que meus vizinhos sempre falavam pra mim né. Então com ela, a representação dela como mulher negra, o discurso dela, as práticas nas aulas, para ler a Djamila, Djamila Pereira também, outras e Ângela Davis e por ai vai. Teve muito início lá em 2011 com a dança afro, porque eu fui entender que existe uma cultura rica né, originária de África vinda de povos que me pertencem, quer dizer é minha origem, minha ancestralidade. (Elaine, bibliotecária, 22 de julho de 2019).

Essa fala da Elaine estava impregnada de sentimentos, via-se em seus olhos como foi importante essa experiência de se ver uma mulher negra, que se orgulhava de sua ancestralidade. De saber que mulheres negras tinham tanto a oferecer a ela. Ela só se viu enquanto mulher negra após as vivências e experiências positivas as quais ela foi exposta durante as aulas de dança afro, complementadas pelas suas leituras.

Pela fala da Elaine percebemos a importância de se ter referenciais negros positivos para provocar o processo de reconhecimento, para se autoclassificar de acordo com suas características.

Gomes (2012a), trata da identidade como algo que se constrói, não sendo inata,

A identidade não é algo inato. Ela se revela a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana (GOMES, 2012, p.41).

Esse processo de que Elaine passou é comum para os estudantes que encontram escolas que desenvolvam práticas pedagógicas que corroboram com as diretrizes da

educação das relações étnico-raciais. Referindo-se à sua experiência de se ver como negra, narra que

Então a partir da dança afro comecei a reconhecer a importância e me ver como negra, e entender que falar que eu sou negra é uma postura política. Então a partir da dança afro, nem como bibliotecária, lona, eu tinha essa consciência. Durante a minha graduação eu não tive esse envolvimento com as questões étnico-raciais e olha que eu ainda fiz parte de um programa que abordava isso. Mas nem ali me despertou. Eu fiz Conexões de Saberes você deve conhecer a Leonor Araújo, também é militante atuante do movimento negro, militante pela causa étnico-racial. E nem ali, porque no início eu achava que o Brasil era uma questão de renda e não uma questão de raça. (Elaine, bibliotecária, 22 de julho de 2019).

Eliane, assim como muitos brasileiros, ainda via o problema do Brasil como um problema de renda e não de raça. E fala também da formação inicial, que não possibilita a apropriação das questões referentes às relações raciais. Ela não se sentia à vontade com sua aparência, e fala da dificuldade para aceitar seu cabelo, situação bem comum entre as meninas negras.

Elaine também fala de como ela usa o espaço do seu local de trabalho, a biblioteca, no processo de auxiliar as meninas negras a se empoderarem, o que, de alguma forma tem contribuído para a mudança desse quadro na escola.

Eu enquanto negra no meu trabalho, essa situação se apresenta com a própria indicação de literatura, uma conversa mais afetuosa com as meninas negras, aqui tem muitos casos de alunos que nem tem cadastro na biblioteca, mas vem aqui para conversar, para papiar. Então no meu trabalho eu vejo isso, dentro do trabalho da biblioteconomia existe um trabalho de referência, trabalho de referência do bibliotecário é aquele que indica a obra, então chegam e dizem então: o que é que você me sugere para ler? e percebendo esse movimento, essa importância, eu começo a direcionar para umas leituras, que aquela menina negra principalmente vai ser representada, vai ser abordada de uma maneira também interessante e não de uma maneira pejorativa. Então dentro do meu processo de incentivo à leitura, faço esse recorte, para poder evidenciar e valorizar. Tenho feito isso e confesso a você que vou fazer de maneira natural e as vezes até um pouco tímida. Mas falo pra você que, desde que o Wellington me falou dessa proposta da formação, me engajou muito mais, eu fiz a leitura desse livro aqui por conta da apresentação. (Elaine, bibliotecária, 22 de julho de 2019).

As meninas procuram a Elaine como referência na escola. E ela, juntamente com as meninas, estão em um processo de empoderamento e descoberta da negritude presente em suas vidas no cotidiano escolar. E ela percebe que esse momento na escola é positivo para propor mudanças.

A vida escolar do estudante negro de longe é tranquila, Elaine percebeu como poderá mudar um quadro que vem se fortalecendo a muito tempo, que é o de desprezar e

excluir o estudante por causa de sua cor, deixando claro que nessa escola eurocêntrica o estudante não negro sempre terá mais vantagens.

Acerca do sentimento gerado pelo desprezo e humilhação aos que são oprimidos, Freire (2001) diz

O desprezo por si mesmo é outra característica do oprimido, que provém da interiorização da opinião dos opressores sobre ele. Ouvem dizer tão frequentemente que não servem para nada, que não podem aprender nada, que são débeis, preguiçosos improdutivos que acabam por convencer-se de sua própria incapacidade (FREIRE, 2001, p. 71).

Sendo assim é pensado intervenções que venham de encontro a demanda de enfrentar o racismo na escola. Não tem como avançar se não se apresenta a esses estudantes modelos positivos, pessoas que mostram em seu dia a dia o contrário do que se tenta inculcar na cabeça do estudante desde muito cedo.

Sobre a formação que está acontecendo na escola com todos os professores Elaine percebe que tem sido bem aceita e positiva

Eu vejo com muita positividade que a nossa equipe é muito aberta, que desde sexta-feira quando o Wellington apresentou os slides, com os dados, e todos eles vieram falar que legal, trazendo um dado que eu não sabia, a própria dinâmica que aconteceu aqui hoje, perguntas, por que acontece isso ou aquilo, então a equipe aqui do Talma eles tem interesse sim, é um receio que temos no início, por que tratar de racismo não é um assunto fácil, é muito complicado, e o bom que já tem muitos teóricos que já estão tratando sobre isso, o próprio Renato Nogueira, um cara maravilhoso. As próprias discussões estão bastante acaloradas, e bastante avançadas. E então eu percebo que aqui há uma grande possibilidade de acontecer, a gente percebe que a equipe tem uma abertura para isso. (Elaine a bibliotecária 07 de julho de 2019).

Elaine também entende que para ela, que se descobriu negra agora adulta, precisa se informar acerca de muitas coisas. Ela diz viveu muitas situações impregnadas de racismo, porém ela não fazia ideia de que seria racismo.

Quando eu era adolescente eu não tinha essa consciência. Possivelmente estudando, lendo os textos eu posso responder que sim, ao fazer essas leituras eu tive a consciência que eu passei por racismo, mas, que, naquele momento eu não tinha percebido, né, não tinha percebido por uma série de coisas. De ser blindada também pelos meus pais. De alguma forma eles me protegeram, mas, já sofri como boa parte de nós negros e negras que já sofreram né. É quase impossível alguém não ter passado por alguma situação que você ficou para trás por conta da sua origem. Como falam, são temas que são delicados de tratar, é por exemplo, a questão de não ser a menina escolhida para ser a referência de beleza na escola. Não ser a menina escolhida por um grupo de meninos como a mais bonita, não ser determinada como bonita, é difícil falar isso por que não tem como quantificar, é uma situação que só sabe quem passa. Hoje eu percebo isso, eu sou de um segmento que gosta muito de rock roll. Por exemplo, toda vez que eu vou em uma casa de show de uma banda que eu gosto de assistir, é

muito branco, bastante, são poucos negros que estão ali. Então, assim já passei por situações de racismo sim, mas que não era consciente no período que passei. A própria ideia de não querer o meu cabelo do jeito que ele é, foi um processo também racista, eu queria ficar igual a um padrão, que era determinado como um padrão bonito, eu queria ter meu cabelo liso, e ele nunca foi liso. Então como é que eu fazia? Eu me aproximava de técnicas de tortura para ele ficar parecido com aquele cabelo que era interessante, que era o cabelo dito como o bonito. Eu acabei sofrendo racismo quanto a isso né, por exemplo, assumir meu cabelo hoje é um processo que iniciou a pouco tempo atrás. Eu relaxei ele no ano passado, tem um ano que eu não relaxo, então assim ainda está sendo uma construção. (Elaine, bibliotecária, 22 de julho de 2019).

Quando o processo parecia invisível para Elaine, ela estava em sofrimento e não entendia o que causava. Seu cabelo tem sido algo que a faz resistir a cada palavra. Ela apresenta como uma vitória a cada dia não preferir as técnicas de alisamento as quais ela nomeia de tortura.

Gomes (2005), falando do processo de construir uma identidade, de se aceitar e ser aceito com as suas características, de se gostar e não ter como parâmetro a beleza eurocêntrica, branco, cabelo liso, traços finos, traz muito sofrimento e nos fala que

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiras (as). Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável, quando discutimos, nos processos de formação de professores (as), sobre a importância da diversidade cultural? Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiras (as). Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável, quando discutimos, nos processos de formação de professores (as), sobre a importância da diversidade cultural? (GOMES, 2005, p. 43).

Elaine falou de estar na biblioteca e ser muitas vezes procurada pelas alunas negras que veem nela um exemplo, uma mulher negra que não está limpando a escola, que frequenta a universidade, que mantém seu cabelo sem alisamento, que sente orgulho da pessoa que é. Mas lembra que nem sempre foi assim, e fala da imagem que era o ideal, apresenta uma capa de um disco de vinil da XUXA³. Faz isso e fala da influência dessa artista na vida de todas as crianças e adolescentes nos anos 90, e de como era o cabelo idealizado naqueles anos.

³Maria da Graça "Xuxa" Meneghel é uma apresentadora, e ex-modelo brasileira, que apresentou por mais de duas décadas programas dirigidos às crianças na emissora que liderava a audiência de tv. é uma Mulher branca com os cabelos lisos e loiros

Gomes (2012) nos fala sobre o significado do cabelo do negro,

O cabelo do negro na sociedade brasileira expressa o conflito racial vivido por negros e brancos em nosso país. É um conflito coletivo do qual todos participamos. Considerando a construção histórica do racismo brasileiro, no caso dos negros o que difere é que a esse segmento étnico/racial foi relegado estar no pólo daquele que sofre o processo de dominação política, econômica e cultural e ao branco estar no pólo dominante. Essa separação rígida não é aceita passivamente pelos negros. Por isso, práticas políticas são construídas, práticas culturais são reinventadas. O cabelo do negro, visto como "ruim", é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como "ruim" e do branco como "bom" expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. (GOMES, 2012-b, p. 3).

Elaine viu nessa possibilidade de ousar no penteado, de deixar de lado os alisamentos uma forma de resistir. A arma contra o racismo e o preconceito e como instrumento de mediação entre as meninas negras da escola. Sua fala foi ouvida pelos professores com muita atenção, e ao finalizar, o professor Jeová começa a sua com a temática das religiões de matriz africana e o racismo religioso.

O professor foi interrompido várias vezes pelos professores que se mostraram muito interessados com a temática. A professora de ciências questionou o motivo de ainda hoje realizarem o sacrifício de animais, e o professor falou na cultura que se preservou mesmo com tanta perseguição e preconceito.

Foi percebido como a roda de conversa possibilitou a escuta e como os professores estavam aptos a ouvirem o que o professor Jeová tinha para compartilhar. O envolvimento dos professores foi muito positivo.

Sendo assim corroboramos com Nóvoa (1995) que diz

O território da formação é habitado por actores individuais e colectivos, constituindo uma construção humana e social, na qual os diferentes intervenientes possuem margens de autonomia na condução dos seus projectos próprios. A formação contínua é uma oportunidade histórica para que se instaurem dispositivos de parceria entre os diversos actores sociais, profissionais e institucionais. Mas é preciso recusar um "parceria pela negativa", baseado na anulação das competências dos diversos actores, e inventar um "parceria pela positiva", construído a partir de um investimento positivo de todos os poderes (NÓVOA, 1995, p. 19).

Esse momento foi para os participantes o momento de troca, de escuta, de fala, podemos perceber claramente as parcerias que ali estavam sendo consolidadas. O desejo de aprender, de se formar junto e poder levar para a sala de aula os saberes ali adquiridos, são algumas das falas dos professores presentes.

A professora de ciências fala de como sofreu bullying na infância e diz que sabe que é diferente do racismo, que ela vem de uma família preconceituosa e que ela não é uma racista e diz que

O que a gente está vendo aqui é muito superficial né, essas informações por exemplo que a gente está tendo aqui me instiga sabe a estar buscando, por que em muitas coisas eu sou realmente leiga. Mas me deixa encantada por que assim como a colega relatou da vida dela, eu venho de uma família preconceituosa. O meu avô, eu aprendi com meu avô que um negro quando faz uma coisa boa é branco, esse negro é branco, e eu sempre questionei, mas isso é nato tá, é uma coisa que eu sempre questionei. Como assim o negro não é um ser humano como outro qualquer? Graças a Deus nunca fui, muito pelo contrário nunca tive problemas em relação a essa questão de cores, muito pelo contrário, adorava, achava bonita assim. Eu sempre tive amigas negras quando eu era pequena e eu nunca tive problemas, pelo contrário por que eu era branca demais e sofria bullying, porque minha perna era branca demais as pessoas me chamavam de mandioca descascada, e eu achava o máximo a questão da pigmentação da pele das meninas negras. Mas por que que eu estou falando isso? por que nos faltam informações. Como que a gente deixa uma cultura se devastar, se existe e que nós lamentavelmente a gente não tem esse hábito de trabalhar desde lá do início do ano. Porque vagamente na minha área, por exemplo, eu vou trabalhar a questão de tecidos, na pele negra, vai ter uma estrutura celular que vai pigmentar, e eu elevo de tal forma, no sentido de dar visibilidade as coisas positivas, a questão do cabelo eu sempre cito isso. Mas é muito pouca informação que a gente tem, não é? (Professora de ciências, 22 de julho de 2019).

Nessa hora os professores apontam as suas dificuldades e falam das parcerias, de poder contar com os professores e profissionais da escola que possuem conhecimento na área das relações raciais. A professora de ciências ainda comenta a respeito da falta de preparo e que não tem informação para trabalhar profundamente com a temática.

Sobre a invisibilidade do negro, de sua cultura nas instituições, nas escolas e em todos os espaços é algo que deixa incomodados (as) alguns (as) professores (as), a eles entendem que acontece, mas não sabem como inibir essa condição e a professora de ciências fala que

É aí que eu vou pensar. Como que dentro das academias, dentro das universidades, como que a gente permite invisibilizar toda essa cultura? E que seja deixada de lado? E fico pensando na importância de se empoderar sabe, e de você fazer com que uma criança seja própria protagonista, da própria existência dentro da escola, porque aí independente da questão de cor de raça é você criar isso nela, é você criar um projeto de vida que quantos de nossos alunos não tem (Professora de ciências, 22 de julho de 2019).

Essa roda de conversa foi provocativa, os professores foram se envolvendo e deles foram saindo as possibilidades de mediação com os estudantes. Dialogavam de como seria positivo para esses estudantes serem formados além dos conteúdos formais

das disciplinas enfatizando a necessidade de o professor criar meios de apoiar essas crianças na escola.

O professor Jeová apresenta para os professores a dificuldade enfrentada pelo estudante negro que é de uma religião de matriz africana, ele comenta que o preconceito que esse estudante sofre ainda é maior, pois ele não poderá nem falar de sua religião.

É difícil para a criança negra, principalmente de religião de matriz africana, ele sofre muito porque não pode identificar a sua religião dentro da escola, a intolerância é algo que pedagogos, diretores e professores presente no Brasil não aceitam. (Professor Jeová, 22 de julho de 2019).

Nas escolas ainda está muito presente as celebrações de religiões que representam apenas parte dos estudantes. A escola é laica, como preconiza a Constituição Federal que dispõe no artigo 5º, VI, “[...] é inviolável a liberdade de consciência e crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias” (BRASIL, 1988).

Ainda na Constituição Federal está previsto que é proibido ao Município estabelecer uma única religião nos espaços públicos, sendo essa uma situação existente nas escolas mediante as celebrações que contemplam somente o cristianismo.

- Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:
- I- Estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvercioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público. (BRASIL, 1988).

Com essa explanação o professor Wellington propõe o encerramento da roda de conversa para seguirem o planejamento elaborado pela gestão escolar, que seria os estudos das BNCC após o intervalo. Com a proposta para o próximo encontro de que todos tragam as contribuições para que juntos elaborem um documento para que seja inserido no Projeto Político da Escola.

Finalizando os encontros:

Para finalização das ações propostas na intervenção na escola, ficou acordado que cada professor apresentaria durante os planejamentos com as pedagogas o que seria desenvolvido com os estudantes. Foi acordado que todas as disciplinas estariam trabalhando com a temática em seus conteúdos. No planejamento geral, as ações entrariam como Plano de Ação e também como conteúdo do currículo, da temática educação para as relações étnico-raciais e valorização da cultura africana, afro-

brasileira e indígena no Projeto Político Pedagógico da unidade de ensino, como forma de garantir a sua implementação. Uma proposta apresentada no último encontro por uma professora,

Vou disseminar uma discórdia, porque estamos aqui entre professores. Cadê o meu gestor? Cadê o meu pedagógico? Porque eu penso que é uma rede, é uma trama de conhecimento vasto e que tínhamos que ter uma liderança pra que, em alguma situação atípica que fugisse por exemplo do muro da escola, dissesse assim: não, esse projeto está sendo assim, foi construído por várias mãos e nós estamos fazendo assim, em busca de um resgate histórico e cultural. E a gente não está tendo aqui a participação do gestor. Também nós precisamos registrar tudo que está sendo discutido aqui ou senão ela se perde. É preciso registrar em ata. (Professora de ciências, 22 de julho de 2019).

Os (as) professore(as) pontuaram a importância de parar e discutir, e de ter os gestores envolvidos. A ausência dos gestores no último encontro deixou os (as) professoras um pouco incomodados(as). Pela fala da professora acima e pelos comentários de concordância em seguida, ficou claro que a equipe espera mais apoio por parte do gestor. E essa equipe também vê como necessidade o registro de todas as decisões.

Ao percebermos esse movimento entre os professores, uma indicação apareceu, a de que esses professores estavam tomando consciência de seus papéis. Sobre esse posicionamento, Freire (2001) nos fala que

Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitado estamos para ser anunciadores e denunciadoras, graças ao compromisso de transformação que assumimos. Mas esta posição deve ser permanente: a partir do momento em que denunciamos uma estrutura desumanizante sem nos comprometermos com a realidade, a partir do momento em que chegamos à conscientização do projeto, sem deixarmos de ser utópicos nos burocratizamos; é o perigo das revoluções quando deixam de ser permanentes. Uma das respostas geniais é a da renovação cultural, esta dialetização que, propriamente falando, não é de ontem, nem de hoje e nem de amanhã, mas uma tarefa permanente de transformação (FREIRE, 2001, p. 34).

Um processo de tomada de consciência frente à realidade da escola teve início. O trabalho com os professores revelou isso. O processo será contínuo com a proposição da elaboração de um plano de trabalho e da elaboração do Projeto Político Pedagógico.

Assim, referente ao trabalho de parceria na proposição do currículo, Freire (2011) elucida

Daí que a delimitação do que conhecer para organização do conteúdo

programático da ação educativa demande de todos os que nela se envolvem, em qualquer de seus planos, uma clareza política a qual, não sendo em si suficiente, é absolutamente indispensável. Clareza política, apresenta-se, com relação ao para que, ao como e ao em favor de quem se faz a própria política. Uma coisa é a política feita, em todos os setores, por uma rígida burocracia, em nome das massas populares, a quem se transmitem palavras de ordem; outra coisa é a política feita com elas, com a sua participação criticamente consciente na reconstrução de sua sociedade, em que as palavras de ordem, necessárias, jamais, porém, se transformam em puros “slogans” (FREIRE, 2011, p. 183).

A escola compreende que para os avanços é necessário refletir sobre as práticas. A organização dos professores, no sentido de propor um currículo diferente para os estudantes foi bem positiva.

Percebemos que o ato de reflexão é também o ato das possibilidades, quando olhamos a nossa prática com um outro olhar, quando percebemos em nossas ações pedagógicas as possibilidades de mudar, de (re) inventar, usar outras estratégias, buscar em grupo outras formas de fazer.

1.3 O USO DA TECNOLOGIA PARA O ENFRETAMENTO DO RACISMO: O SITE

Nas questões da pesquisa realizada na biblioteca da escola, encontramos duas das análises das respostas que despertaram grandes inquietações, pois essas respostas retratam a real condição do aluno na escola. Os estudantes percebem que a temática poderia ser mais abordada na escola, tem grande interesse em aprender sobre a história e cultura africana e indígena, e informam que o tema tem sido pouco explorado pelos professores na escola.

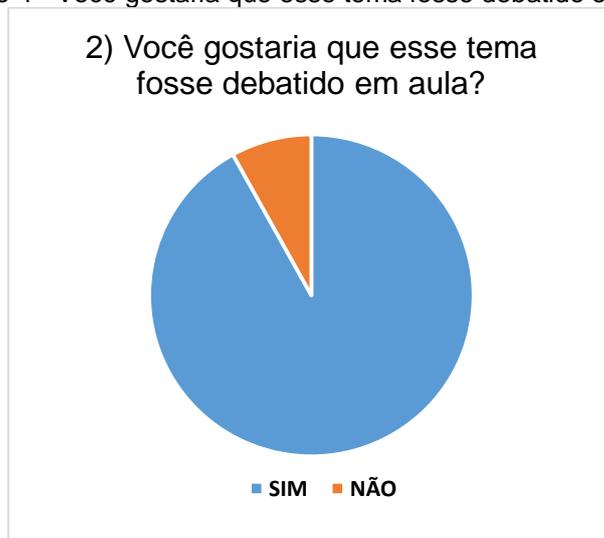
87 estudantes cadastrados na biblioteca da EMEF Talma Sarmiento de Miranda. Responderam o questionário, utilizando um computador para darem as respostas. Apresentamos no Gráfico 1, a síntese das respostas à questão que diz respeito ao trabalho da escola com a temática, assim formulada: “A escola trabalha com o tema sobre o racismo com frequência?”

Nas respostas dos 87 estudantes, somente 14 responderam que sim, trabalham com frequência. Os outros 73 estudantes disseram que não trabalham com frequência a temática. No gráfico 2, a questão é sobre o interesse em estudar a temática. Sobre isso, apenas 7 estudantes disseram que não tem interesse em estudar o tema, e 80 estudantes disseram que tem interesse em estudar a temática como podemos observar no gráfico abaixo:

Gráfico 3 - Frequência com que é tratado o tema



Gráfico 4 - Você gostaria que esse tema fosse debatido em sala?



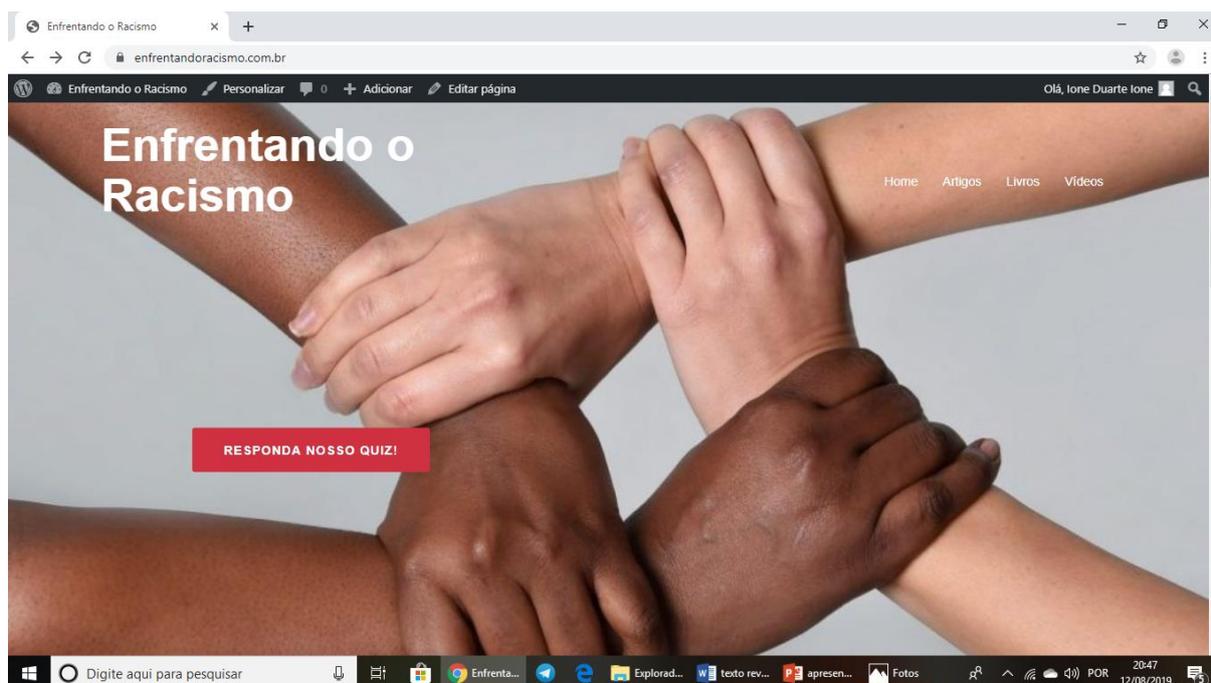
Os dados dessa pesquisa, apontando que os estudantes gostariam de aprender mais sobre racismo e raça, nos provocou a pensar juntos sobre um meio de viabilizar a comunicação com os estudantes, usando sua linguagem e em uma tecnologia ao seu alcance. Pensamos então em um aplicativo que pode ser utilizado pelo celular, ponderando que pudéssemos alcançar o estudante com a tecnologia que hoje está mais próxima dos jovens e adolescentes por meio de um celular. Nós elaboramos um “Site” que pudesse auxiliar os professores e esses estudantes nas questões de conhecer um pouco sobre a história e cultura africana e afro-brasileira, utilizando a tecnologia.

Este “site” será divulgado na escola para os professores e estudantes por meio da biblioteca, com a ajuda da bibliotecária Elaine. Funcionará/atuará no sentido de

auxiliar os estudantes e conseqüentemente fortalecer as ações desenvolvidas pelos professores na escola. O Site terá dados sobre os conceitos de raça e racismo, apresenta algumas atividades que venham reforçar estes conceitos.

O site será criado com divulgação de textos informativos, charges, um teste com perguntas que podem ser alterados de tempos em tempos, sugestão de vídeos e artigos. Socialização de entrevistas, enfim uma gama de conteúdos que servirá de apoio para o professor e de novos conhecimentos para os estudantes.

Figura 32 - Aplicativo Enfrentando o Racismo



Fonte: <https://www.enfrentadoracismo.com.br>

Pode ser acessado pelo computador e também pelo celular. Na página inicial adicionamos um “Quiz” para o participante responder e testar seus conhecimentos acerca do racismo. São questões acerca do conhecimento da Lei nº 10.639/2003.

Figura 33 - Aplicativo Enfrentando o Racismo

The screenshot shows a web browser window with the URL <https://www.enfrentandoracismo.com.br/quiz/>. The page features a vibrant, colorful geometric pattern in the background. A white registration form is centered on the page with the following elements:

- Header: Bem Vindo ao Enfrentando o Racismo
- Instruction: Para começar, preencha seus dados abaixo:
- Input fields:
 - Digite seu nome...
 - Digite sua idade...
 - Escolha sua Cor / Raça / Etnia (dropdown menu)
 - Escolha seu estado (dropdown menu)
- Submit button: Começar!

The browser's taskbar at the bottom shows the Windows search bar and various application icons, including Chrome, Explorer, Word, and Photos. The system tray indicates the time as 20:51 on 12/08/2019.

Fonte: <https://www.enfrentandoracismo.com.br>

Acesso a vídeos que auxiliam o professor no planejamento de suas aulas. Enriquecendo assim o currículo proposto.

Figura 34 - Vídeo sobre Candomblé

The screenshot displays a video player interface within a browser window. The address bar shows the URL <https://www.enfrentandoracismo.com.br/category/videos/>. The video player has a dark background with a central image of a Candomblé ritual. The text on the video player includes:

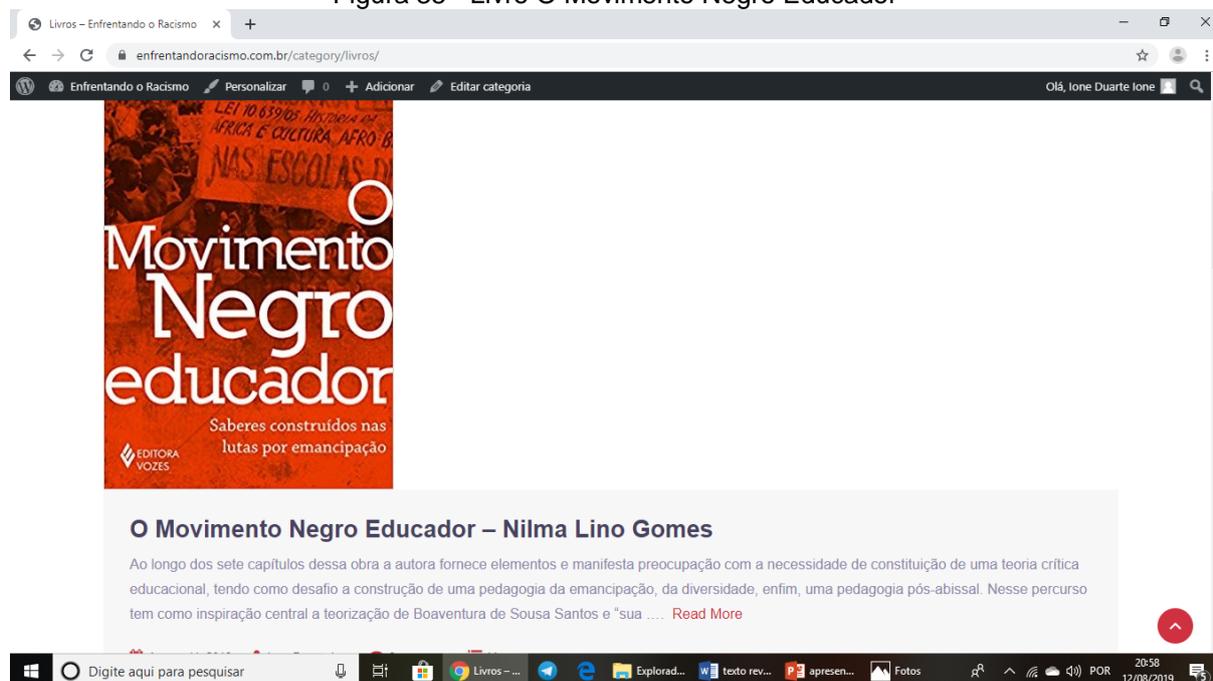
- Category: Vídeos
- Video Title: Candomblés: Axé e Fé
- Video Description: AFRICANIDADES - Identidades, Religiosidades e Patrimônio Cultural
- Metadata: Agosto 11, 2019, rafael, 0 comments, Videos

The browser's taskbar at the bottom shows the Windows search bar and various application icons, including Chrome, Explorer, Word, and Photos. The system tray indicates the time as 20:52 on 12/08/2019.

Fonte: Acervo próprio

Acesso a dicas de livros e textos, alguns foram adicionados em PDF, outros apresentamos um resumo do seu conteúdo, como sugestão para leitura.

Figura 35 - Livro O Movimento Negro Educador



Fonte: Acervo próprio

Esses são alguns itens que podem ser encontrados no site para auxiliar o aluno e professor nas aulas com tema das relações raciais.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossas leituras, a participação nos grupos de estudo, a organização e participação no curso de EREER, as participações em eventos, congressos e seminários nos proporcionaram conhecer mais a fundo a desigualdade e o racismo. Quando trouxermos essas questões para a atualidade percebemos que avançamos pouco na eliminação do racismo.

Por esse processo de aprofundamento das questões sobre relações raciais, houve uma grande mudança da forma em que nos víamos nesse contexto. Com a sutileza do racismo presente em todos os momentos da vida, não via como discriminação racial, a intolerância das pessoas referente às características físicas que trago e que são tidas, como traços da negritude: cabelo, o nariz, a boca. Identidade construída a partir das experiências vividas no contexto da pesquisa. Uma constituição que se deu pela aproximação da história e da cultura africana e afro brasileira. Uma constituição social, que foi crescendo diante das memórias que vinham à tona. Constituição que não distante da tonalidade da pele, mas próximo também dos traços físicos, que marcam, mas, não nos deixam em situações segregacionistas como as pessoas de pele mais escura.

Também a partir da coleta de dados fomos impulsionadas, a encontrar meios de enfrentar as tensões geradas pelas desigualdades. Os dados referentes à população crescente entre negros, como constatamos nos dados do IBGE, do percentual maior entre pretos e pardos demonstram que a população negra tem informado mais e com mais segurança sobre seu pertencimento étnico-racial, diferente do que ocorria em décadas anteriores à de 1990, e isso reforça a necessidade de trabalhar com os estudantes a questão identitária, ensinar sobre história e cultura afro-brasileira.

Com o quadro de declarantes negros como comprova a pesquisa no município, ainda não são fortes as ações nas escolas acerca do trabalho com a temática das relações étnico-raciais. A coleta de dados que se refere às formações em que os professores da rede municipal de Cariacica participam, aponta para um número reduzido de professores que recebe formação na área. E mesmo com um crescente número de participantes nos últimos três anos, o quantitativo ainda não é significativo para a rede, além de não incentivar os educadores a darem continuidade aos projetos relativos a temática nas escolas.

Na Secretaria de Educação não havia uma coordenação específica para tratar das questões das relações raciais, havia uma coordenação de Diversidade e Inclusão educacional que realizava as ações da educação especial. Nessa Coordenação havia uma única técnica para desenvolver as ações pertinentes as questões da diversidade, e das ações desenvolvidas as que mais se evidenciam são as formações na temática da diversidade. Em uma nova organização na Secretaria de Educação em 2019 essa coordenação foi dividida, contando agora com duas técnicas para o trabalho das relações raciais e diversidade.

Durante a pesquisa solicitamos na Secretaria de Educação documento que apresentasse a organização do trabalho dessa Coordenação, mas ainda estava em elaboração. A ausência de um documento norteador municipal para a temática dificulta a implementação da Lei nº 10.639/2003 nas escolas. Diretrizes municipais para o trabalho com a Lei nas escolas, tanto no ensino fundamental, quanto na educação infantil e na EJA levariam ao desenvolvimento de ações mais efetivas.

Diante disso indicamos como alternativa que sejam realizados esforços pela SEME para a criação destas diretrizes, para isso ouvindo a comunidade escolar, tomando ciência da legislação municipal já existente e ouvindo especialistas, se necessário.

Foi na Coordenação de Formação na Educação Cidadã onde encontramos dados referentes à formação na área da educação das relações étnico-raciais, oferecida pela Secretaria. Porém, não encontramos dados de acompanhamento dos desdobramentos nas escolas ou documentos da Secretaria que cobrassem das Unidades de Ensino um trabalho efetivo nas escolas sobre a temática.

O que encontramos nas duas escolas durante os diálogos com professores e estudantes são as tentativas de minimizar o racismo, transformando-o em invisível, ou reconhecer o racismo sem identificar os agressores, mantendo ainda os pensamentos colonizados. É preciso ainda muita resistência para transformar a triste realidade de hoje, para mudar a realidade do refrão da música de, Elza Soares⁴ que diz “que a carne mais barata do mercado é a carne negra”. Realidade que nos fere com dados referentes às mortes de jovens negros.

⁴ Elza Sores, consagrada cantora brasileira.

Considerando todo o percurso durante a realização da pesquisa, concluímos que o trabalho ainda precisa ser efetivado na rede. Conforme já mencionamos, há um decreto do ano de 2008, ainda durante o governo do Prefeito Helder Salomão, que se encontra em vigor, e a Lei nº 10639/2003 com diretrizes que orientam todo o trabalho da Secretaria Municipal de Educação de Cariacica e das escolas da rede. Porém ao questionar os professores, muitos afirmam desconhecer tal decreto, e na Secretaria esse documento não é utilizado para orientar o trabalho nas escolas.

A inquietação que nos move diante da situação do (a) estudante negro (a) é saber que a escola não o acolhe, que muitas vezes essas pessoas ficam a margem por toda a vida escolar. Que essa situação é a causadora do abandono e da evasão escolar. Esse espaço se torna campo minado, quando chegam a escola, trazem consigo suas histórias e cultura, sua religião e não é permitido a ele revelar-se pois corre risco de ser reprimido. E como o professor é preparado para atuar com essa realidade? Essa foi uma de nossas perguntas iniciais.

As análises apontam que o processo de formação existente na rede não efetivou práticas de combate ao racismo, buscamos junto aos profissionais inscritos no curso de EREER respostas para tal inquietação. E fomos além, propondo o desdobramento das ações dentro das escolas com um projeto de intervenção. Acompanhamos nas Unidades de Ensino, pensando em como essa ação poderá contribuir com o enfrentamento ao racismo e a redução da evasão escolar. Os professores ainda afirmam estarem despreparados para tais ações.

Quanto às intervenções propostas, ainda estão em curso, as ações iniciadas ainda estão movimentando as escolas. O trabalho em parceria possibilitou uma riqueza de ideias e assim a ampliação do movimento. Iniciamos uma fogueira que precisa de mais combustível para continuar a crescer e se manter acesa. Esse combustível será a ação de acompanhamento da Secretaria.

A proposta do curso em parceria com NEAB/UFES/MPES, recebeu muitas inscrições, como já mencionamos foram seiscentas e dez (610) O público contemplado foi de apenas 5% dos inscritos. Uma grande procura deixando um quantitativo elevado de demanda reprimida.

Junto à proposta da intervenção veio também a ideia do “Site” que é uma ferramenta que estará disponível para o uso de todos os professores e estudantes da rede. Este

site será constantemente atualizado com material pertinente, e que será útil ao trabalho do professor e à pesquisa do estudante.

Finalizamos esse trabalho de diferente forma de quando iniciamos, as questões aqui tratadas nos afetaram profundamente, quando iniciamos essa pesquisa buscávamos apenas respostas acerca da formação do professor e do currículo das escolas. Tais questões foram discutidas e analisadas por nós ao vivenciar no chão da escola situações que envolveram formação.

Buscamos respostas, encontramos possibilidades, e o ato de refletir sobre nossa prática proporcionou ao nosso trabalho novo olhar, novas práticas. Um processo em construção, e que resultou em uma ação para além de um momento nas escolas. Apontamos a necessidade da implementação de currículos que sejam ricos em perspectivas da diversidade. Apresentando a necessidade de garantir em sua organização a inserção do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira que estão bem presentes na escola. E que no plano anual seja inserido sem que contemple apenas uma data em um determinado mês. Um trabalho a ser realizado em parceria, professores e estudantes.

Para além das possibilidades será preciso uma ação reflexiva, que permita uma (re) invenção da nossa prática cotidianamente, proposta que irá movimentar os espaços e instituições para avanços na política de educação das relações raciais, e da elaboração de currículos e projetos político pedagógicos.

REFERÊNCIAS

AMORIM, C. R.; ARAÚJO, M. C. Raça, Etnia e Desigualdades sociais. In: ASSIS, V. S. DE (Ed.). **Introdução à Antropologia**. 2ª ed. Maringá: EDUEM, 2009. p. 43–59.

ARROYO, M. **Currículo, Território em Disputa**. 5ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

AMORIM, C. R.; OLIVEIRA, O. M. **Africanidades e seus zeladores: identidades, religiosidades e patrimônio cultural**. Vitória: ProEx UFES, 2017.

BRANDÃO, C. R. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm > Acesso em 25 de jul. de 2019.

_____. **Lei nº. 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 09 jan. 2003. Disponível em: <
https://mpma.mp.br/arquivos/CAOPDH/Leis_10.639_2003_inclus%C3%A3o_no_curriculo_oficial_da_Hist%C3%B3ria_e_Cultura_Afrobrasileira.pdf>. Acesso em: 30 de jul. de 2019.

DIAS, J. **O Silêncio da Carne**, [s.d.].

FORDE, G. H. A. **“Vozes Negras” na História da Educação: Racismo, Educação E Movimento Negro No Espírito Santo (1978-2002)**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2016.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Editora Centauro, 2001.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra. 1987.

_____. **Cartas a Guiné-Bissau: registro de uma experiência em processo**. 5ªed. São Paulo. Ed. Paz e Terra, 2011.

GOMES, N. L. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil, uma breve discussão**.

_____. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

GOMES, N. L.; MUNANGA, K. **O Negro no Brasil de Hoje**. São Paulo: Editora Global, 2016.

NÓVOA, A. Os professores e a sua formação. In: **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Editora Dom Quixote, 1992. p. 13–33.

SANTOS, B. DE S. **Renovar a Teoria Crítica e reinventar a emancipação social.**
São Paulo: Editora Boitempo, 2007.

APÊNDICE A



ABRIL 2019

SEMINÁRIO DE ABERTURA DE FORMAÇÃO E PESQUISA

CURSO DE FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

A proposta de formação visa potencializar o estudo das Relações Étnico-Raciais e a aplicabilidade da Lei Nº 10.639/2003, que envolvem múltiplas questões na escola e em diferentes setores da sociedade, num processo de conscientização e luta contra o racismo.

O curso é uma iniciativa do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Universidade Federal do Espírito Santo em parceria com o Ministério Público Estadual.

Início: 15 de Abril

Horário: 14 às 18h

Local: Auditório do Ministério Público Estadual

Informações: seminarioneabufes@gmail.com



PESQUISA E FORMAÇÃO
EM FOCO

PÚBLICO-ALVO:
PROFESSORES, GESTORES,
TÉCNICOS DAS
SECRETARIAS E
SERVIDORES DO MPES

CURSO SEMI-PRESENCIAL:
AULAS QUINZENAIS
INTERCALADAS COM A
PLATAFORMA ONLINE

CARGA HORÁRIA DE 120h

INSCRIÇÕES DE 27 DE
MARÇO A 4 DE ABRIL PELO
SITE NEAB.UFES.BR

OS ENCONTROS
OCORRERÃO ÀS TERÇAS,
DAS 18H ÀS 22H, NO
CENTRO DE
EDUCAÇÃO/UFES

UFES/PPGMPE/NEAB/MPES

VITÓRIA
ABRIL 2019

APÊNDICE B



09 DE JULHO DE 2019
HORÁRIO: 14 ÀS 18H

**SEMINÁRIO DE SOCIALIZAÇÃO DA
 PRÁTICAS DE INTERVENÇÃO DE
 FORMAÇÃO E PESQUISA EM
 EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES
 ÉTNICO-RACIAIS**

Seminário de encerramento do Curso de Formação e Pesquisa em Educação das Relações Étnico-Raciais. Momento de socialização das práticas realizadas como intervenção nas instituições e locais de trabalho dos cursistas.



**Pesquisa e
 Formação**

**Curso de
 Formação em
 Educação para as
 Relações Étnico-
 Raciais**

Público:
 Professores(as),
 gestores(as),
 sociedade civil,
 técnicos(as) das
 secretarias

**Convidado: Prof.
 Dr. Gustavo Forde**

**Seminário de
 encerramento do
 curso: Auditório
 do Ministério
 Público Estadual**

**Socialização das
 Práticas de
 Intervenção**

NEAB/MPES

PROEX

**UFES/PPGMPE/
 VITÓRIA**

JULHO/2019